

CAPÍTULO 11

**OS POEMAS ERÓTICOS DE JOSÉ  
CRAVEIRINHA**

**JOSÉ CRAVEIRINHA'S EROTIC POEMS**

Ana Mafalda Leite  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**RESUMO**

As combinatórias semânticas da poesia de José Craveirinha no domínio erótico-sexual constituem uma área de múltiplas significações. É na sequência de tais realizações imagéticas que esta leitura tenta interpretar os **Poemas eróticos** de José Craveirinha, que ora conjuram o desejo, a clandestinidade, ora a devoção amorosa, embora em situações contextuais diferentes. No livro evidencia-se a primazia da individualização do desejo e da emoção, que tange à expressão superlativa do desejo de liberdade e de imaginação.

**Palavras-chave:** erotismo; clausura; imaginação; liberdade; poesia; Moçambique.

## ABSTRACT

The semantic combination of José Craveirinha's poetry in the erotic-sexual domain constitutes an area of multiple meanings. It is in the wake of such imagistic realizations that this reading tries to interpret José Craveirinha's **Erotic poems**, which sometimes conjure desire, clandestinity, sometimes loving devotion, although in different contextual situations. The book highlights the primacy of the individuation of desire and emotion, which concerns the superlative expression of the desire for freedom and imagination.

**Keywords:** eroticism; enclosure; imagination; freedom; poetry; Mozambique.

Os **Poemas eróticos**, de José Craveirinha, resultam de uma edição póstuma, de 2004, da Moçambique Editores, em conjunto com a Texto Editores. A publicação foi organizada por Fátima Mendonça e vem acompanhada de um estudo introdutório "Entre Fausto e D. Juan, sob os desígnios de Eros". Aqui a autora explica que esse conjunto de textos lhe foi entregue pelas mãos do autor, no início da década de 1990. A esses poemas foram acrescentados outros, provenientes do espólio do poeta, tendo em conta a similaridade temática e formal, referente, nomeadamente, aos conjuntos, intitulados no livro, "Arte Barroca" e "Rezas de Amor".

**Poemas eróticos** está organizado em quatro partes, intituladas "Rezas de Amor" (14 poemas), "Arte Barroca" (13 poemas), "Frenesi dos Zangãos" (21 poemas), "25 Unhadas às Gatas" (25 poemas). É um livro em que a linguagem procura dar nome ao que é mais fugitivo e evanescente – a sensação e os sentidos. Podemos considerar duas vertentes, na forma como a dimensão erótica é tratada, ou seja, no modo como o erotismo, enquanto sexualidade transfigurada, se torna metáfora, representação, cerimónia e encenação.

Os dois primeiros conjuntos de textos, "Rezas de Amor" e "Arte Barroca", prefiguram um registo de cultuação, quase religioso, do desejo. Aliás, o primeiro poema, intitulado "Culto", deixa ler: "Sábio/ altar/ de rezas// tua nudez/ minha sedosa/ madre igreja/ de culto" (2004, p. 14).

Verificamos que alguns dos títulos de **Poemas eróticos** remetem para essa área semântica, além do poema inicial já citado, por exemplo: "Santo Excomungado", "O Timbre dos Deuses", "Anjo do Tempo", "Louvor aos Louvores", "Oremos", "Deus à Semelhança do Homem". E os textos desenvolvem, conseqüentemente, um conjunto lexical variado de dimensão religiosa ou afim: "herege, rezo, hossanas, orar", "Cântico dos cânticos", "catequese, estado de graça", "orando no teu corpo de igreja", "pautas de catecismo, homilias", "liturgia, baptismo", "monges, mistério maior, santos".

Tal como é referido na apresentação, o tamanho desses textos, bem como a invocação devotada, lembra alguns dos poemas dos livros do autor intitulados **Maria**; no entanto, observamos que a maioria deles como que desconstrói a sua arrumação na página, despetalando-se os versos em linhas fragmentárias, contrariamente à arrumação estrófica dos quase epigramas dos livros **Maria**. Também em termos semânti-

cos se trata de um outro culto, não em torno de uma memória, que é gesto, Nome Único, doméstica epopeia, mas em torno de um Corpo sem nome, “Boneca de Jagre” (2004, p. 42), que é Mistério e sagração profana.

Em todo o encontro erótico há uma personagem invisível e sempre ativa: a imaginação, o desejo. Em “Rezas de Amor” e “Arte Barroca”, o corpo desejado e cultuado é representado como “corpo de igreja” e a referência ao **Cântico dos cânticos**, embora em letra minúscula, denotando a apropriação adjetiva, aparece por mais de uma vez: “Aconteceu/ no Verão/ em que o oceano/ maluqueceu / o pôr-do-sol/ no teu moreno/ cântico/ dos cânticos” (2004, p. 16).

O poeta, no ofício minucioso de louvação de Eros, esse demónio ou espírito corporizado, mas inominável, no qual encarna um impulso que não é só puramente animal nem espiritual, experimenta a reinvenção, sublimação e cristalização da sexualidade, transformando-a em espiral contínua, modo de alcançar o indizível:

*Vivo/ um delírio/ de corpos/ enovelados/ tangendo/ seus próprios/ cânticos.//  
Dedos e bocas/ em manuais/ de Sade.// Desencantados/ dos outros/ confiden-  
ciando-se/ néctares// portas/ adentro/ dos favos/ do Céu.// Exaustos/ corpos  
encontram/ o timbre/ dos Deuses. (2004, p. 17)*

É natural que os poetas místicos e os eróticos usem uma linguagem parecida: não há muitas maneiras de dizer o indizível, de escrever a plenitude que transcende. Muitos textos religiosos, entre eles, alguns grandes poemas, não vacilam em comparar o prazer sexual com o deleite do êxtase místico e com a beatitude da união com a divindade. No caso do Cântico dos Cânticos, o sentido religioso do poema não pode separar-se do seu sentido erótico profano: são dois aspetos da mesma realidade. Nos místicos sufis, por exemplo, é frequente a visão religiosa aliada à erótica. A comunhão é comparada às vezes com um festim entre dois amantes, ebriedade divina, êxtase dos sentidos.

É esta uma das propostas de significação das duas primeiras partes de **Poemas eróticos**; o êxtase humano é divino, não é o homem à semelhança de Deus, mas *Deus à semelhança do Homem*:

*A/ inata/ qualidade/ de amar/ uns chamam/ vício.// É defeito/ a redondeza/  
do Mundo?/ É crime gostar/ do aroma/ da rosa?// Valho-me do amor/ e nele  
me exalto/ e me redimo// tal como Deus/ quando se liberta/ invocando-se/  
alter-ego/ do Homem. (2004, p. 27)*

Ainda na sequência intertextual do **Cântico dos cânticos**, encontramos uma série de imagens, redundantemente ligadas ao imaginário amoroso, como, por exemplo, “mel, favos, amoras, pombas, sedas, abelhas”, assim como um extenso grupo lexical,

que se prende com a música e com o carácter harmonioso da união, como é o caso de: “sinfonia, eco, valsa, ritmos, sonatas, xitendes, flauta, timbilas”. O par que partilha a embriaguez dos sentidos conjuga-se sempre, num tempo único e repetitivo na sua lentidão – o gerúndio: “dueto de câmara/ em cantatas de gerúndios/ aparando o frenesi dos caniços/ nas unhas” (2004, p. 76).

As duas últimas partes de **Poemas eróticos**, “Frenesi dos Zangãos” e “25 Unhadas às Gatas”, desenvolvem uma outra perspetiva do erotismo, agora não a dimensão religiosa, mas uma discursividade mais irónica, e próxima de uma visão crítica, que podemos designar por libertina. O sujeito enunciador distancia-se da primeira pessoa, em muitos dos poemas, e observa, com distância, a encenação erótica, refletindo sobre ela. O poema “Aura em La Toilette” é um exemplo dessa atitude *voyeurista* de autorrepresentação e de ritualização representada do objeto do desejo:

*Acho/ que é tempo/ de me distrair.// Pelo/ que peço licença ao pintor/ dispo-  
-me e muito respeitoso/ vou ajudar Aura desnuda/ a pentear-se ao espelho/  
na tela.// Ela bela Aura/ inclina a cabeça/ com permissão de uma pincelada/  
do mestre Pablo Picasso.// Em/ La Toilette/ a mulher é a Aura/ e eu quem a  
penteia. (2004, p. 61)*

Com efeito, esse poema serve de mote para outros, que se perfilam como que numa galeria de retratos; observam-se os títulos: “Sara”, “Ode à Laura”, “Pausa com Cassilda”, em que os nomes encenam múltiplos Corpos, plural inominado, que se sucede na procura do prazer. O libertino precisa sempre do outro, como Corpo, não importa o nome, e nisto consiste a sua condenação, de uma certa forma, é escravo da sua vítima, o corpo:

*Ês/ o idioma dos poros/ nos poros./ gomos de lábios/ frenéticos nos lábios./  
Tacto dos vinte dedos/ nos dois bicos./ Coesão de virilhas/ nas virilhas;/ hiatos  
dos ventres no espasmo.// A golpes/ de um judo ex-aequo/ a lençóis atizados/  
e dentes/ que limam as línguas/ a síncopes/ dos tendões uníssonos/ na sua  
partitura.// Submissos/ ao cúmulo do impurismo/ macho e fêmea voam/ pu-  
ros ao timbre do arco/ duplo de rins. (2004, p. 68)*

E:

*A crispação/ da minha boca na tua./ O beijo da vingança./ As salivas.// Na  
crispação/ nervosa da minha boca/ mesmo sem o saberes/ o beijo que te dou  
sabe-me/ à saliva das facas. (2004, p. 69)*

O poema “Kama Sutra” também evidencia essa permuta do nome de um sujeito, objeto de desejo, pela invocação do livro que a representa, encenando a múltipla caligrafia das carícias, em corpo que é compêndio, experimentação. O sujeito, enquanto Nome, também se anula na pluralidade teatral do sujeito enquanto personagem, Zé, que a nomeação da redundante voz do desejo conjura.

Leia-se nessa perspectiva o poema “Sinfonia do Zé”: “Entretanto/ quando me gemes/ as duas simples letras/ do meu banal diminutivo/ ao meu ouvido/ o sussurrante som da sílaba/ na pauta dos teus lábios/ ultrapassa um sinfónico/ ditirâmico universo/ de milhentos Zés.” (2004, p. 71).

Por outro lado, a invocação animal, presente em outros livros, como elemento fabular, aparece cristalizada, nos **Poemas eróticos**, na figura dos “gatos”, como o título da última parte, “25 Unhadas às Gatas”, tão bem sintetiza. O gato simboliza o esplendor do puro cio, descomprometido de humanidade, e assinala uma autoironia crítica, que o sujeito convoca para si mesmo, enquanto assunção total do prazer, desvinculado dos valores sociais, como se pode ler no poema “Sina de Gato”:

*Gato que se recusa ao drama/ de um trôpego felino à solta/ ronronando a um canto/ é gato que sonha mas não vivo/ com felpudas gatinhas.// Ao gato, deixem-no cumprir sua sina/ saltando nos telhados ainda/ seus mais assanhados miaus. (2004, p. 86)*

Este “giz de unhas caligrafando na lousa do meu dorso” (2004, p. 70) mostra o Corpo como objeto de prazer, sentido como dor, esfacelamento, mas simultaneamente redenção. Com efeito, para o libertino não há união entre religião e erotismo, pelo contrário, há oposição nítida e clara: o libertino afirma o prazer como fim último, perante qualquer outro valor. A libertinagem confina, num dos seus extremos, com a crítica de costumes, e transforma-se numa filosofia, enquanto que, num outro extremo, toca a blasfêmia, o sacrilégio e a profanação, formas inversas da devoção religiosa. Leia-se o poema “Sem a Alma”: “Recuso/ meu corpo.// Companheiro desolado/ ele foge da sua alma/ quando por instantes/ a ternura do diabo/ me toma” (2004, p. 66).

A atitude do poeta nessas duas partes finais de **Poemas eróticos** é libertina, se considerarmos a aceção de libertinagem como expressão do desejo e da imaginação, e como reflexão e filosofia de uma liberdade pessoal. Octavio Paz, em **A dupla chama** (1993), explica-nos que a etimologia da palavra em espanhol significa filho do liberto e, em francês, significa liberal, generoso, desprendido. Os libertinos são poetas filósofos, espíritos aventureiros e, também, intelectuais críticos da religião, da lei e dos costumes.

Encontram-se, nos **Poemas eróticos**, alguns aforismos, ou seja, textos que condensam uma atitude que oscila entre a crítica e uma filosofia pessoal: “Homem incapaz de gostar de muitas/ como pode ser capaz de amar uma só?” (2004, p. 79).

No fundo, expressa-se nesse livro o mesmo desejo de liberdade, uma similar irreverência, característica do poeta, que se revela em poemas escritos no âmbito do encarceramento. A velhice, de certo modo, é uma outra forma de aprisionamento da vida, toca o limiar do medo, da solidão e da morte, tal como a experiência da prisão. Por isso, o poeta é um ser que reivindica e autorrepresenta-se na liberdade inconformada do desejo, que não tem idade, e eterniza o voo da imaginação. Leia-se o poema “Ainda”:

*Me/ recuso/ a ser um solitário/ aposentado ancião/ cabisbaixo na foz do rio da vida./ Eu/ aquele jovem/ ainda corrompível sessentão/ a ciciar às meninas subentendidos/ “até logo” de despedida./ O sigiloso/ etcetra/ vem depois. (2004, p. 85)*

Muitas vezes, nas metáforas do poeta, a mesma chama que incandesce o desejo é também caracterizadora da intensificação da opressão, intersetando-se campos de sentido, aparentemente, opostos, unidos talvez pelo temor da morte.

Aliás, é frequente em outros livros de José Craveirinha, como em **Xigubo**, **Karिंगana ua karingana**, **Cela 1**, **Poemas da prisão**, a recorrência de temas que se cruzam numa ambiguidade oximórica surpreendente: há uma ligação íntima, visceral, entre a temática erótica e a da opressão ou guerra. O cenário de luta – confronto – posse, erótica, equivale-se ao confronto guerreiro, numa idêntica de tão diversa luta corpo a corpo. Desenvolve-se muitas vezes na escrita de José Craveirinha um envolvente animismo erótico que interseta a dimensão bélica, que, por sua vez, cria a tensão propícia para o desencadear da luta, simultaneamente sexualizada por metáforas inesperadas, sucessivas e em cadeia: “O mato acorda/ excitado aos libidinosos beijos das automáticas”; “foi o espasmo de um morteiro”; “ainda me restam as dez unhas/ insidiosamente desembainhadas”; “o dedo no clitorico gatilho imprescindível”; “enquanto acaricio esta pele de metal” (1980).

As combinatórias semânticas da poesia de José Craveirinha no domínio erótico-sexual constituem uma área de múltiplas significações. É na sequência de tais realizações imagéticas que se pode considerar a existência de um simultâneo, mas diverso, ‘corpo de delito’ nos **Poemas eróticos** e em outros poemas sobre a prisão, embora escritos em situações contextuais e perspectivas diferentes, que se encontram, por exemplo, em **Cela 1**, e que conjuram a clandestinidade, a clausura e a contenção.

Concluindo, saliente-se que no livro **Poemas eróticos** se evidencia a primazia da individuação do desejo e da emoção, uma forma também de desejo de liberdade e de imaginação. Leia-se, nesta perspectiva, o poema “O Voo”:

*Entrelaçados/ dígitos em rede/ celebrando-te a cintura.// Minuciosa viagem a teus sigilos/ sedosa trança enredando/ oiros do ser/ no jeito.// Coabitamos a vinha. Coabitamos o sumo./ Ébrias aves agitam as plumas do céu/ quatro axilas azulando/ na mesma asa. (2004, p. 59)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bíblia sagrada.** Lisboa: Edições Sílabo, 2003.

CRAVEIRINHA, J. **Xigubo.** 2. ed. Maputo: INLD, 1980a.

CRAVEIRINHA, J. **Karingana ua Karingana.** 2. ed. Maputo: INLD, 1982.

CRAVEIRINHA, J. **Cela 1.** Maputo: INLD, 1980b.

CRAVEIRINHA, J. **Maria.** Vol. 2. Maputo: Ndjira, 1998.

CRAVEIRINHA, J. **Poemas da prisão.** Maputo: Ed. Ndjira, 2003.

CRAVEIRINHA, J. **Poemas eróticos.** Maputo/Lisboa: Moçambique Editores/Texto Editores, 2004.

PAZ, O. **A chama dupla – ensaio sobre amor e erotismo.** Lisboa: Assírio& Alvim, 1998.